

## O IMAGINÁRIO ERÓTICO PESSIMISTA NA POESIA DE FRANCISCO ESPINHARA

### THE PESSIMISTIC EROTIC IMAGINARY IN THE POETRY OF FRANCISCO ESPINHARA

José Eduardo Martins de Barros Melo<sup>1</sup>  
Jordy Dantas Maia<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho destaca a influência e as marcas do pessimismo na expressão erótica da obra poética de Francisco Espinhara, corroborando com Bataille que o poeta em estudo exacerbadamente traz o lirismo entrelaçado no seu imaginário erótico permeado pela solidão e pela angústia do homem contemporâneo, assim, como afirma Octávio Paz, “A solidão é o fundo último da condição humana. O homem é o único ser que se sente só e que procura outro também só”. Nesse sentido, esta expressão erótica é elemento preponderante da linguagem poética encontrada na obra de Espinhara enquanto representação dos desejos do eu-lírico e de suas frustrações que permeia entre o real e o imaginário. Desta forma, analisa-se a obra do autor pernambucano sob o prisma dos elementos distintivos da sensualidade e do erotismo enquanto particularidades de um fazer literário que se enlaça a um mundo pessimista, tal como temos em grande parte da poesia brasileira contemporânea.

**Palavras-chave:** Francisco Espinhara. Poesia. Erotismo.

**Abstract:** This work highlights the influence and marks of pessimism in the erotic expression of Francisco Espinhara's poetic work, corroborating with Bataille that the poet under study exacerbately brings lyricism intertwined in his erotic imagery permeated by the solitude and anguish of contemporary man, as well as says Octávio Paz, “Solitude is the ultimate fund of the human condition. Man is the only being who feels alone and who seeks another one also alone”. In this sense, this erotic expression is a preponderant element of the poetic language found in Espinhara's work as a representation of the lyrical self's desires and frustrations that permeate

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Letras pela Faculdade Frassinetti do Recife (1985), mestrado em Teoria Literária pela Universidade Estadual Paulista - São José do Rio Preto (2002) e doutorado em Teoria da literatura pela Universidade Estadual Paulista - São José do rio Preto (2015). Atualmente é professor associado da Universidade Federal de Rondônia no Curso de Letras e no Mestrado Acadêmico em Estudos Literários da UNIR (PPGMEL). É membro do Grupo de pesquisa em poética brasileira contemporânea (GEPEC) e Grupo de pesquisa literatura, educação e cultura: caminhos da alteridade. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, atuando principalmente com estudos de poética.

<sup>2</sup> Discente do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Estudos Literários – PPGMEL, turma de 2017/2, da Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR, *campus* de Porto Velho – RO. [jordyy\\_84@hotmail.com](mailto:jordyy_84@hotmail.com).

between the real and the imaginary. In this way, the work of the author from Pernambuco is analyzed under the prism of the distinctive elements of sensuality and eroticism as particularities of a literary practice that links to a pessimistic world, as we have in much of contemporary Brazilian poetry.

**Keywords:** Francisco Espinhara. Poetry. Eroticism.

## 1. Revisitando espinhara

### XII

*Os livros são o nosso desjejum, a nossa perdição. Álcool e sexo também.  
Livros, bebidas e sexos: eis as danações das quais devemos nos libertar, mas não muito-muito.  
(ESPINHARA, 2017, p. 31).*

Francisco Espinhara nasceu em 27 de janeiro de 1960, na cidade de Arcoverde/PE e faleceu em Recife/PE em 13 de fevereiro de 2007, cidade para onde a família migrou quando o poeta tinha apenas seis anos de idade. Oitavo e último filho do casal Feliciano Espinhara Silva e Maria da Penha Batista Silva, naturais da cidade de Teixeira, região do Cariri Paraibano, área circunvizinha ao Sertão do Pajeú/PE, que juntas são consideradas o berço da poesia popular brasileira. A mãe do poeta, apreciadora da escrita e da leitura, é da família dos irmãos Batista – Otacílio, Dimas e Lourival – trinca reconhecida dentre os melhores cantadores do Brasil. Os pais o batizaram com nome de Francisco de Assis Silva, tendo este assumido a posteriori o nome fantasia de Francisco Espinhara. Sua mãe faleceu tinha nove anos de idade e a partir de então foi criado e cuidado por suas irmãs mais velhas, em especial por Graças Espinhara, uma das figuras mais importantes da sua vida, a quem, inclusive, entregou a guarda legal do seu filho, Iago dos Santos Silva, pouco tempo antes da sua morte.

Ainda na faculdade, com os poetas Eduardo Martins e Josualdo Menezes iniciou o Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco, depois ampliado por nomes como os de Fátima Ferreira, Hector Pellizzi e Cida Pedrosa, dentre outros. Juntos mobilizaram a cena literária do Estado de Pernambuco, quebrando paradigmas e marcando a história da literatura alternativa, mobilizando escritores e artistas de várias gerações. Foi o editor do jornal de poesia Lítero-Pessimista com Eduardo Martins, que se tornou espaço para veiculação livre da filosofia pessimista.

Em Eduardo como em Espinhara, o caráter lúdico não é mera resultante do jogo, mas sua continuidade, donde se perceber a seara difusa da própria tessitura poética em sua estrutura versificatória e estrófica, até certo ponto conservadora. (SANCHES, 2015, p. 72).

Graduou-se em letras no ano de 1984 na FAFIRE – Faculdade Frassinetti do Recife e era especialista em literatura brasileira. Iniciou sua carreira como professor na capital pernambucana, ministrando aulas de literatura no colégio 2001. No ano de 1988 mudou-se para o norte do Brasil, onde já se encontrava seu parceiro de jornada Eduardo Martins. Aí exerceu a docência em escolas públicas estaduais e na Escola Técnica Federal nas cidades de Ji-Paraná/RO e Castanhal/PA, respectivamente. Publicou os livros *Vida Transparente* (1981), *Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco 1980/1988* (2000), *Sangue Ruim* (2005) e *Bacantes* (2006), os livretos *A Batalha pelo Poema* (1983), *Teje Preso seu Rapaz* (1989), *Dose Dupla* (1994) e *Claros Desígnios* (2006), participou das antologias *Arrecifes* (1985), e *Pernambuco, Terra da Poesia* (2005), teve poemas publicados em fanzines de todo o país. Foi homenageado, junto com o poeta Erickson Luna, no V Festival Recifense de Literatura em 2007.

## 2 AMOR E ÓDIO: a dialética do erotismo

*XLV*

*Não há mais sombras, solavancos ou insônias.*

*Não há o coração miúdo nem os olhos tensos.*

*Acabou-se a doce agonia: amor e ódio.*

*Ela se fez em nuvens ácidas: fazer da vida o que a vida lhe fizera: bacante.*

*(ESPINHARA, 2017, p. 38).*

Nesta etapa do trabalho analisa-se de que forma o pessimismo toma abrangência em outros espaços na obra de Francisco Espinhara a partir do núcleo temático do “erotismo” entrelaçado com o “amor” e “ódio”, que compõem a dialética em que se pondera várias reflexões. Nesse sentido, aborda-se a poesia de Espinhara apontando para o seu perfil estilístico que se volta para uma obsessão incidente em sua própria existência na busca por algo que possa justificar o seu imaginário erótico, que explicita a contradição do amor e do ódio.

Francisco Espinhara extrai sua poética de fragmentos do real, subjetivos e concretos, que encontram no espaço do erotismo sua consolidação em uma proximidade com sua intimidade, seus recortes de prazer e sofrimento. A lírica, neste caso, constitui-se a partir de um

sujeito solitário que compartilha com todos aqueles que conseguem sentir sua dor e aflição, tragada pelo tom sarcástico e pessimista de vários de seus poemas.

Nessa perspectiva, sobre as acepções de Goethe no que diz respeito à poesia, encontramos: aprazimento, alegria, plenitude, harmonia e afeto: “toda audácia curva-se a uma medida legítima”; as catástrofes transformam-se em bênçãos; aquilo que é comum e exaltado; o benefício de uma poesia é “[...] que ela ensina a compreender a condição do homem como desejável” (FRIEDRICH, 1978, p. 20). Neste caso, a linguagem simbolizada na lírica pessimista de Espinhara expressa o afeto do eu-lírico de maneira viva e intensa como mola mestra dos desejos carnis. Conforme Alfredo Bosi: “Contextualizar o poema não é simplesmente datá-lo as suas imagens e pensamentos em uma trama já em si mesma multidimensional” (BOSI, 2000, p. 13) e acrescenta que: “A poesia pertence à História Geral, mas é preciso conhecer qual é a história peculiar e imanente em cada poema” (BOSI, 2000, p. 13). Nesse sentido, os pressupostos históricos são contemplados na poesia interpretada quando o sujeito-lírico traduz poeticamente suas novas experiências simbólicas enfatizadas ao longo deste trabalho, notadamente, as relações amorosas envolvendo a sensualidade e o erotismo.

Assim, resvala na poesia, o sentimento amoroso conturbado pelo seu pessimismo expresso juntamente com a rebeldia poética que prefigura essa explosão da imagem erótica sob o prisma das negatividades enquanto reiteração do sentimento sórdido, que transfigura amor em ódio e que conseqüentemente permeia sua escritura. Nesse sentido, tais afirmações corroboram com o que afirma Cida Pedrosa: “Não sabemos onde começa a ficção e onde entra a realidade, a vida e o poema, a narrativa e a vida. Aí, veio-me a ideia de que ele viveu na corda bamba, emocional e espiritualmente o tempo todo, sempre no limite entre o amor e o desamor. Viver e morrer. Partir ou ficar”. (PEDROSA, 2017, p. 12).

Talvez as palavras sejam muito difíceis quando o olhar já as denuncia; talvez as mãos tragam em si todas as propriedades do sentir ou talvez calar a voz expresse exatamente o que se sente, posto o silêncio guardar intactos os medos e os segredos da alma, sem as máculas do desgaste no rebuço das palavras.

Eu, por mim, falo e sinto. E sinto muito!  
(ESPINHARA, 2017, p. 29).

Eduardo Martins ratifica a ideia de que Espinhara usa elementos que estabelece essa ponte sobre o processo de simbiose em sua poesia e também simbolicamente criar imagens na

viagem do leitor formando o cenário de ruína e desamparo em meio ao ambiente que o poeta vive.

Daí certa identidade que se estabelece entre criador e processo de criação em que o ensimesmado de um se reflete na intimidade do outro e vice-versa. Não fosse isto, a poesia de Espinhara faria coletar nos espaços menos recomendados a matéria essencial do seu fazer, nos becos, saindo da boca dos bêbados e dormindo ao chão no corpo embrutecido do mendigo ou das prostitutas abandonadas, num processo de simbiose capaz de revelar a extraordinária beleza do singelo ou do inusitado associado ao grotesco. (MARTINS, 2016, p. 09).

Os fragmentos do texto poético do livro *Bacantes*. Recife, 2006. Publicado sob a coordenação editorial do Interpoética numa noite que contou com a presença e a récita da maioria dos poetas da cidade. Prefácio de Cida Pedrosa, apresentação de Camila Ribeiro e orelha de Inaldo Cavalcanti. Nesse sentido, são analisados no mundo erótico de Espinhara que revelam a dor de um desamor e o desejo profano de uma mulher. Nessa conjuntura, está mulher é observada e recortada sobre a ótica de que seu corpo permeia em meio a procrastinação e fornicação atendentes aos desejos carnavais, a prostituição. Nessa perspectiva, citamos Bataille no que diz respeito a essa linha de pensamento: “a provocação do desejo era excitante: a prostituta podia consumir toda a riqueza e a vida daquele em que provocava o desejo. (BATAILLE, 1987, p. 87)”. Logo, inter-relacionando com o sentimentalismo pessimista amoroso de Espinhara percebemos que esse amor pelo qual ele sofre e é erotizado em seus poemas é devorado pelo desejo carnal exacerbado que sua amada possui. “O erotismo, conforme narração, confirma a dualidade de sentimentos em que a reciprocidade dos desejos sensuais atinge, de forma integral, todos os envolvidos.” (MATOS, 2017, p. 170). O que também corrobora com o poema abaixo:

### **IX**

Tudo era muito fácil: não era uma questão de um abrir e fechar de olhos, mas de um abrir e fechar de pernas. Para ela era assim. (ESPINHARA, 2017, p. 30).

### **XVI**

Por assim dizer, seus sexos eram flácidos, folotes. O meu sexo, na acoplagem, flutuava num vácuo, numa vastidão de longínquas ruínas. Tudo aquilo não me servia, mas era tanto-e-tanto para mim. (ESPINHARA, 2017, p. 32).

A proposição latente do erotismo de Espinhara alcança a sua plenitude e é escancarada sem subterfúgios. Em alguns momentos se torna sublime, sutil e doentio por conta do seu pessimismo que monopoliza a condição humana de sua amada que se molda em seu imaginário erótico. Assim, o erotismo de Espinhara provindo da perspicácia na elaboração de sua poesia e de como se arquiteta sua narrativa erótica, provoca a sensação de um sensualismo restrito e particular. O objeto de sedução é recortado pelo sujeito por descrições de sua amada e estão relacionadas às circunstâncias de seus desejos, a ambição do corpo, que implica no todo e completo erotismo vivenciado por Espinhara em seu imaginário poético e da junção de seus instintivos estados eróticos transcritos em suas emoções que envolvem o lado pessimista amoroso. Logo: “O protagonista do ato erótico é o sexo, ou mais exatamente, os sexos. O plural é obrigatório, porque incluindo os chamados prazeres solitários, o desejo sexual inventa sempre um parceiro imaginário...ou muitos.” (PAZ, 1994, p. 16).

### XXI

O mundo não a quer, ela o lambe mesmo assim: não é ao mundo que imagina devorar, é a si mesma, naco por naco, lágrima por lágrima até exaurir-se e dormir profundamente, sentindo o imenso prazer de em nada ser ou restar. (ESPINHARA, 2017, p. 33).

Neste último fragmento, extraído do poema “Pluralidades”, o eu-lírico deixa permear o niilismo quando elucida “sentindo o imenso prazer de em nada ser ou restar”. O que consolida o pessimismo, esse tema que resvala continuamente sobre a poética de Espinhara. Logo, este trabalho toma como princípios as ideias de autores que trazem a marca do pessimismo e do niilismo como: Friedrich Nietzsche e Arthur Schopenhauer. E, enquanto elementos de suporte a linguagem poética erótica do autor, citamos: Georges Bataille, Octavio Paz e Edinaldo Flauzino de Matos.

Nesse contexto, a poesia de Espinhara compõe-se desse vazio de sombras e representações simbólicas do niilismo. Nessa conjuntura, a premissa de que é um reinvento de pessimismo, pois, em sua obra sempre ganham espaços os temas voltados à dor, desamor e ao sofrimento oriundo de sua experiência de vida. Assim, como diz Maria Elizabete Sanches em: *Os limites da dor em Francisco Espinhara*. (2015). Tem-se um caso raro em poesia cuja obra se confunde com a convalescente biografia e, como consequência, ainda mais com a primeira

propiciando momentos de tensão entre os limites da criação e os diversos quadros da experiência que a arte vai pincelando poema a poema.

Ressalta-se que, supostamente para a composição de seus poemas, o poeta busca referencial em seu mundo da experiência, expressando os sentimentos sombrios da alma e sua visão de mundo, quiçá como uma forma de autoproteção e desabafo para as angústias. Nesse sentido, damos ênfase ao tema aqui tratado a respeito do “Erotismo com”o instrumento de decodificação de sua linguagem poética sobre seu pessimismo amoroso. A saber também, que temas como a morte e solidão estão sempre presentes em sua poética.

Nessa perspectiva, o desejo da morte permanece presente em alguns fragmentos do texto poético do poema Pluralidades que nos remete a contextualizar com o dizer de Schopenhauer no que diz respeito sobre o tema da morte. Por isso, é importante ressaltar que o pessimismo, de alguma forma, também influencia e estimula o prosseguir para o mundo da descrença, assim como a morte está para a vida e a vida para morte, um sendo o início de uma vida ante a própria vida o outro já uma vida após a morte tal como se tem nas reflexões de Arthur Schopenhauer:

A morte não é o oposto da vida, mas um acontecimento complementar que a define. O homem, como vida, é um ser para a morte. Refletir sobre esta é lançar luz sobre o viver e a natureza íntima das coisas, do mundo em geral como reflexo especular da Vontade, mero ímpeto cego para a existência. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 14).

Ao analisar os caracteres dos interstícios de fruição erótica em Espinhara, pode-se observar a sexualidade como tema decorrente concomitantemente ao pessimismo conferido na sensualidade sexual de sua amada. Personagem detentora de toda espécie de procrastinação e sacrilégios que devora o íntimo dos homens que se comprazem com o prazer que seu corpo pode propiciar. Esse lado falho e profano decorrente do comportamento ou estado erótico do ser humano confunde-se com o sentimento amoroso e muitas vezes leva-o a morte.

Na poesia está o sonho, nas palavras a realidade da dor ou da alegria, nos sentidos a inspiração, na criação o mistério, no significado a infinidade do que se pode compreender, na plenitude poética o reencontro da razão e emoção transfigurados pela transcendência do fazer poético do mundo encantado do poeta, que neste momento damos ênfase no sentido de identificar no lirismo amoroso de origem negativa o erotismo de Espinhara.

Nesse sentido, compreender como e de que forma se constitui essa visão é parte de nossas reflexões se considerarmos que a mente criativa é um labirinto, em que transitam a

dualidade e finalidade material, porque uma vez o poeta preso em seu próprio pensamento no processo de criação, a obra poética em si consolida-se e acha-se como saída do mistério que assola o corpo e o espírito. No entanto, ela pode ser contextualizada e interpretada conforme sua própria visão. Desde que se faça a conexão do ato criador da obra como forma de explicar e transmitir a compreensão sobre os fatos expostos explícitos e implícitos na arte ou como forma de explicar o que se busca e se prefere acreditar.

Assim, forma-se uma linguagem embaralhada de estruturas e significados, o que leva para uma distinção entre o que foi relatado e o que foi imaginado entre o material e o metafísico o que foi escrito e o que se pretende alcançar com a transliteração da escrita legível com a escrita implícita do poeta transmutada pelos elementos envolvidos no poema. Desse modo, Espinhara busca motivação na negatividade e é pelo mistério do espírito lírico que sutilmente espelha sua poética pessimista, sobre a metafísica do amor e a metafísica da morte, emparelhados pelo desejo mórbido de viver sem nunca ter existido. Essa solene seriedade que permeia seu estilo poético e reflete a distorcida esperança de obtenção do objeto do seu desejo, do amor em suas impossibilidades.

#### **XXVI**

Logo-logo virá o adeus. Eu o quero sem ressentimentos ou saudades. Quero-o como quem vai cortar os pulsos e se distrai eternamente com as espumas do mar. (ESPINHARA, 2017, p. 34).

Nesse contexto, corroborando com o dizer de Schopenhauer, esse germe do pessimismo que sobrevive dentro da poética de Espinhara e que na sua vida solitária de poeta é instrumento de inspiração para todos os seus coevos, em virtude de ser traço construtivo da escrita. Essa poética entrelaçada com o desejo de morrer conseqüentemente leva a essa mudança de individualidade de “Eus” ora por uma crença pueril no amor, ora no desamor, ou por querer viver outro, por desejar a morte como se fora um triunfo e que encontrou no erotismo uma inspiração poética. Logo, claramente expressa esse momento de desequilíbrio emocional que o leva a identificar-se no seu lirismo que revela seu lado erótico. Levando-o a procrastinação e o desejo exacerbado por um amor platônico e sofredor por amar uma mulher que leva a vida a fornicar e, por isso, assola seu íntimo ao idealizá-la em seu imaginário erótico.



O homem, como fenômeno, é transitório, sem dúvida, mas como Coisa-em-si é imperecível e reaparece, pois dele há de sobreviver um germe, um núcleo de existência, que pode vivificar-se num outro indivíduo:...”A morte é o perder de uma individualidade e o obter de uma outra, por conseguinte uma mudança de individualidade sob a condução exclusiva de sua própria vontade” (MM, p. 128). (SCHOPENHAUER, 2000, p. 18-19).

A ironia encontrada nos fragmentos do texto do livro *Bacantes*, revela o sentimento amoroso desse eu que sofre o sentimento da não correspondência amorosa. Desta forma, nota-se que o poeta se regozija em seus momentos de prelúdio e de frustrações, que se mesclam como polos balizadores do seu pessimismo em forma de vivenciar os momentos erotizados de absoluta dor e sofrimento com sua amada. Vejamos:

**XXXI**

Olhou-me, pôs tristemente a fronte sobre os meus joelhos, acarinhou os pêlos das minhas pernas e disse, em muda voz: eu te amo. Antes fosse assim, mas não: acarinhou os pêlos das minhas pernas e gargalhou ironicamente o mais que podia, meneando a cabeça negativamente. (ESPINHARA, 2017, p. 35).

**XXXIV**

Tudo entre nós não passava de um embate psicológico: o mais doido iria às batatas. (ESPINHARA, 2017, p. 36).

O sujeito simbolicamente traduz esse amor insólito descrente e sofredor. Deste modo, para Espinhara, o seu imaginário erótico foi válvula de escape para os desejos mais mórbidos recriados na sua solidão. Nessa perspectiva, tem-se que “de forma convergente, a crítica concorda que o erotismo humano advém da exuberância da vida pela qual é, sistematicamente, objeto de uma junção psicológica que falta aos animais.” (MATOS, 2017, p. 35).

**XXXV**

O nosso ciúme é voraz, enlouquecido, irremediável. Não a quero perder porque me faltaria o chão áspero para os passos matinais; ela a mim não quer perder porque devo permanecer na condição de que ela, e somente ela, será o meu princípio e o meu fim. nunca um meio termo. (ESPINHARA, 2017, p. 36).

Nesse fragmento do poema “Pluralidades”, observa-se outro tema que é recorrente o “ciúme”, que o tortura e o leva ao mais sombrio dos devaneios amorosos carregados de procrastinação e sacrilégios e ao lado profano da prostituição que o devora e amargamente o

faz idealizar essa mulher que tanto ama e carrega em seu íntimo, mas que faz brotar de suas entranhas os males do amor não correspondido, assim:

**XXXVII**

Uma viga podre noutra viga podre a se sustentar: um pesar a mais e tudo-tudo... (ESPINHARA, 2017, p. 36).

**XXXVIII**

Eu era mais um a experimentar o amargor de um medíocre excesso. Não a prazer, mas em vingança, punha sua boca e suas entranhas a mijo quente: o mijo que de mim espargia não era o mesmo que chegava a ela: o meu era lama, lixo, excremento; o dela era luxúria, perversão, gozo: sempre-e-sempre perco. (ESPINHARA, 2017, p. 36).

Nessa perspectiva, em que se forma o erotismo e a ironia tem-se o vulgar em que “Todos a usavam, ela os usava também; eram públicos: corpos, apenas corpos.” (ESPINHARA, 2017, p. 37). Desta forma, a luxúria e a perversão; o sexo entra como fator de criação poética no que diz respeito ao erotismo sobre viés de objeto do desejo e via de prostituição.

**XL**

Todos a usavam, ela os usava também; eram públicos: corpos, apenas corpos: carência afetiva efêmera: amigos de sexo, simplesmente. (ESPINHARA, 2017, p. 37).

**XLIII**

Era o final e me punha a tecer conjecturas de como suportaria, sozinha, o chão áspero. Bobagem: ela suportará o mundo entre as pernas. (ESPINHARA, 2017, p. 37).

Os poemas de Espinhara que constroem essa vertente erótico pessimista são reflexos de uma atormentada existência de sofrimento amoroso reduzida às trevas do seu fôlego poético. Esse apego ao amor sem poder vivê-lo, o que nos leva a inter-relacionar o sentimento expressamente metaforizado no erotismo em forma de revolta que nos remete à perspectiva Schopenhauereana:

O anelo do amor que os poetas de todos os tempos estão continuamente ocupados em expressar de mil formas, sem esgotar o seu objetivo e mesmo sem poder dar conta dele de modo extenuante, esse anelo, que conecta a posse de uma mulher determinada à representação de uma bem-aventurança infinita, ou então uma dor inexprimível ao pensamento de que a posse não possa ser atingida – esse anelo e essa dor de amor não podem emprestar a sua matéria

das necessidades de um indivíduo efêmero; mas são o suspiro do espírito da espécie, que vê aqui um meio insubstituível para atingir ou perder seus alvos e, por isso geme profundamente (SCHOPENHAUER, 2000, p. 38-39).

A libertinagem de seus desejos carnis pela amante que constrói sobre a perspectiva erótica é bem clara nos fragmentos do texto do poema “Pluralidades” do livro *Bacantes*. Recife, 2006. Uma figura feminina que ama estar em gozo dos prazeres carnis e que seu corpo fica exposto a disponibilidades dos seus desejos sexuais. Contextualizando com o que diz Bataille: “Eu disse que o erotismo era o silêncio, a solidão. Mas não o é para aqueles cuja presença no mundo, por si só, é pura negação do silêncio, tagarelice, esquecimento da solidão possível.” (BATAILLE, 1987, p. 169). Inere-se, a ideia de que o erotismo para Espinhara foi inspiração poética, embora seu extremo pessimismo faça com que o lirismo erótico permeie em campos da solidão e da esperança pela morte como consolo para suas dores. Ou seja: “É na solidão que o autor se entrega às suas reflexões filosóficas; é nela que a personagem vê encher-se a sua taça de sabedoria”. (NIETZSCHE, 2000, p. 79)

#### **XLIV**

Era o final e me punha submisso para obter os blefes, as mentiras, as derradeiras traições. Era como quase eu mesmo me crucificando para contemplar, a olho nu e a sangue, os vestígios do que nunca existiria. (ESPINHARA, 2017, p. 37-38).

Nesse sentido, cita-se um outro poema de Espinhara intitulado de “Engenho” que corrobora com o pensamento erótico encontrado neste trabalho. A fatalidade da crueza poética e todo seu devaneio poético erotizado pelo envolvimento da frustração do seu amor platônico que prefigura na verdade em uma espécie de desamor e proclamação ao ódio.

#### **ENGENHO**

O sobrenome cheirava a mel. Fora criada na mais fina flor da sociedade pernambucana.

Agora não, agora qualquer um lhe adentrava as carnes brancas e cuspiam-lhe no rosto, sempre encadeado por dois avermelhados olhos verdes, cor de canavial. Qualquer um que fosse, o mais reles dos homens, por uns goles mal pagos, mereceria o supremo prazer de lhe cutucar as nádegas flácidas ou de mijar em seu ventre frouxo. Qualquer um poderia fazer o que seu avozinho, de olhos azuladíssimos, fizera tantas e tantas vezes com as pretas advindas da mais terrível escuridão. (ESPINHARA, 2017, p. 88).

Contextualizando o poema “Engenho”, observa-se uma personagem feminina que foi criada em um mimo fraternal e de classe social elevada aos padrões da sociedade pernambucana, algo que se infere a respeito da educação e comportamento tradicional de uma moça de fina sociedade. Porém, é exposta poeticamente e ironicamente pela elucidação de desprezo e decepção na voz lírica: “Agora qualquer um lhe adentrava as carnes brancas e cuspiam-lhe no rosto” (ESPINHARA, 2017, p. 88). O emprego do coloquialismo no texto poético ajuda na análise do discurso sarcástico que transmuta esse desabafo de ódio sobre a imagem dessa figura feminina que é erotizada ironicamente no poema “Engenho”. Desta forma, tem-se o que Cida Pedrosa bem observa:

Fiquei frente a frente, novamente, com o texto que havíamos lido juntos no leito do hospital, de um último livro que se encontrava parte com familiares e parte com Camila Ribeiro. Fiz uma leitura muito pessoal dos achados e denominei o capítulo de *Variações sobre um mesmo amor*, pois identifiquei outro bem antigo, e veio-me o clarão de que ele buscou em cada mulher que amou: o amor idealizado, romântico, único, placebo para todos os males, a solução para todas as angústias. Um homem que morreu amando. Viveu com Camila, em plena doença, um grande romance, e ao romper com ela, pouco tempo antes de morrer, ainda teve tempo de vivenciar, no último mês de existência, um novo *affai*, recém-encontrado no último *Natal dos Poetas* – evento organizado por ele durante nove anos – e para quem, tenho quase certeza, recitou o *Poema para Mônica*, escrito em 1978, uma espécie de emblema para a mulher amada, um símbolo do seu modo incondicional de amar o próprio amor, recitado, muitas vezes, na minha presença, para muitas mulheres que amou e que desejou com seu coração platônico e demasiado entregue. Mônica era apenas o título inicial. Versos ditos e doados para Roseane, Ana Raio, Dione, Heloisa, Simone, Judy, Camila, Diana e Julieta, dentre tantas as Ludimilas imaginadas. (PEDROSA, 2017, p. 13-14).

Nesse contexto, permeia a ideia da prostituição que se infere quando o eu-lírico elucida “Qualquer um que fosse, o mais reles dos homens, por uns goles mal pagos, mereceria o supremo prazer de lhe cutucar as nádegas flácidas ou de mijar em seu ventre frouxo” (ESPINHARA, 2017, p. 88), por comprá-la com bebidas e assim ter momentos sexuais com ela. Logo, vem a tona como desfecho do poema a ideia de abuso sexual, advindo do avô: “Qualquer um poderia fazer o que seu avozinho, de olhos azuladíssimos, fizera tantas e tantas vezes com as pretas advindas da mais terrível escuridão” (ESPINHARA, 2017, p. 88). Algo abominável e cruel que o poeta explana de forma tão simples e crua em seu lirismo. Talvez,

uma forma de eufemismo para poder expressar sua poética sem o envolvimento de sentimentalismo.

Desse modo, percebe-se a importância de usar a ironia e o sarcasmo como forma de composição poética sobre o viés do tema do erotismo. Então, a ideia de abuso sexual se molda dentro do pensamento erótico do poeta que leva o leitor a analisar sobre uma perspectiva universal no que diz respeito a sua poesia erótica e a tendência profana ao impulso sexual do ser humano.

Nesse sentido, contextualizando a linha de pensamento de Bataille no que corrobora com a perspectiva pessimista e solitária de Espinhara temos a presunção que o erotismo foi mais uma das fontes de inspiração, na qual o poeta em estudo usou como válvula de escape para fugir de suas negatividades amorosas. Logo, constrói seu estilo lírico sem máscaras e subterfúgios:

Parto essencialmente do princípio de que o erotismo leva à solidão. O erotismo é pelo menos um tema de difícil abordagem. Por razões que não são apenas convencionais, ele é definido pelo secreto. Ele não pode ser público. Posso citar exemplos contrários, mas, de qualquer maneira, a experiência erótica se situa fora da vida ordinária. Dentro de toda nossa experiência, ela permanece essencialmente isolada da comunicação normal das emoções. Não se trata de um assunto proibido. Não é absolutamente proibido, pois sempre há transgressões. Mas o interdito tem força suficiente para que, dentro desse todo, eu possa dizer que o erotismo não existe, sendo ele talvez a nossa emoção mais intensa, na medida em que nossa existência se apresenta sob a forma de linguagem (de discurso). (BATAILLE, 1987, p. 163).

### 3 Considerações finais

Conforme proposto neste trabalho, os poemas de Espinhara compõem-se desse pessimismo erótico de sombras e representações simbólicas da solidão e do desamor. Nessa conjuntura, damos ênfase ao tema aqui tratado *o imaginário erótico pessimista na poesia de Francisco Espinhara* enquanto marca de seu estilo.

Em face dos textos apresentados e de suas análises, confirmou-se a forte presença do tema pessimismo entrelaçado com o erotismo a ideia de que os elementos representados do erotismo se configuram como imagem da percepção do seu pessimismo amoroso visto enquanto traço demarcador de sua escritura. Então, partimos da premissa de que os poemas de Francisco

Espinhara se constroem a partir do sentimento de solidão enraizado na visão do homem contemporâneo e dos pontos de reclusão do ser.

Nesse sentido, como suporte de nossas reflexões, caminhamos pelo universo do livro de Georges Bataille, *O erotismo*. (1987). Via abordagem dos elementos que caracterizam os níveis do erotismo encontrado na linguagem poética da obra literária de Espinhara e que estes níveis se tornam marcas estilísticas em virtude da recorrência em seu discurso que corrobora com o que diz Bataille: “O erotismo tem, de uma maneira fundamental, o sentido da morte. Aquele que apreende um instante o valor do erotismo percebe depressa que este valor é o da morte. É talvez um valor que a solidão sufoca. (BATAILLE, 1987, p. 169).” Assim, segue as mazelas que acompanham o homem contemporâneo e sua solidão em seu reino de desconfiança dentro de sua própria realidade e imaginação, conseqüentemente pessimista ante o mundo e sua natureza.

### Referências

- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: MARTINS FONTES. 1997.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ESPINHARA, Francisco. **Bacantes**. Recife: Coordenação editorial do Interpoética, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Movimento dos escritores independentes**. Recife: Editora Universitária, 2000.
- FRIEDICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX e meados do século XX**. Tradução de Marise M. Curisone. São Paulo: Duas cidades, 1978.
- MATOS, Edinaldo Flauzino de. **O Erotismo em Machado de Assis / Edinaldo Flauzino de Matos**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017.
- MARTINS, Eduardo. **O espaço da alma em Francisco Espinhara**. Porto Velho: UNIR, 2016.
- \_\_\_\_\_. **A palavra falta**. Porto Velho: Temática, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Eczema no Lírico**. Recife: Edição independente, 1985.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A origem da tragédia**. Tradução de José Joaquim de Faria. São Paulo: centauro, 2004.

\_\_\_\_\_. **Além do bem e do mal ou prelúdio de uma filosofia do futuro.** Tradução de Márcio Pugliesi, Universidade de São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. Silêncio, solidão. **Cadernos Nietzsche.** São Paulo, Discurso Editorial, 2000c, n. 9, p. 79-105.

PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum.** Tradução de Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

\_\_\_\_\_. **A dupla chama Amor e Erotismo.** Tradução Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

PEDROSA, Cida Org. **A Poesia Possível.** Recife: Claranan, 2017.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do amor/Metafísica da morte.** Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SANCHES, Maria Elizabete. **À memória dos esquecidos: história e produção do MEIPE.** (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Rondônia - UNIR, Porto Velho, 2015.

\_\_\_\_\_; MARTINS, Eduardo. **Movimento dos escritores independentes de Pernambuco: história e produção literária.** Porto Velho, RO: 2019.

\_\_\_\_\_. **À margem do cânone: história e produção do movimento dos escritores independentes de Pernambuco.** UNIR, 2014.

\_\_\_\_\_. **Os limites da dor em Francisco Espinhara.** UNIR, 2015.

Artigo recebido em: 23.01.2020

Artigo aceito para publicar em: 24.05.2020